

Entre estudos pós-coloniais, feminismo e estudos de ciências: uma entrevista com Sandra Harding

Between postcolonial studies, feminism and science studies: an interview with Sandra Harding

Gustavo Rodrigues Rocha | Universidade Estadual de Feira de Santana

gustavo.rodrigues.rocha@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1621-4401>

Luana Fonseca da Silva Rocha | Universidade Federal de Minas Gerais

luafsilva@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-2018-8832>

RESUMO A entrevista aborda a trajetória da filósofa americana Sandra Harding, professora emérita da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA). Nessa entrevista, Harding reflete sobre o seu percurso, assim como sobre os desafios que precisou enfrentar a fim de expandir as fronteiras dos estudos de ciências ao desenvolver o seu trabalho pioneiro em teoria do ponto de vista, epistemologia feminista e gênero e ciência que tem sido tão influente ao mudar a nossa perspectiva da história da ciência.

Palavras-chave: epistemologia feminista – teoria do ponto de vista – gênero e ciência – Sandra Harding (1935-) – estudos feministas.

ABSTRACT *The interview discusses the trajectory of American philosopher Sandra Harding, Professor Emerita at the University of California, Los Angeles (UCLA). In the interview, Harding reflects on her trajectory, as well as the challenges she had to face to push the boundaries of science studies in developing her pioneering work on standpoint theory, feminist epistemology, and gender and science that has been so influential in shaping our understanding of the history of science.*

Keywords *feminist epistemology – standpoint theory – gender and science – Sandra Harding (1935-) – women's studies.*

Introdução

A entrevista a seguir foi gravada em 17 de março de 2018 em Los Angeles, Califórnia, EUA, quando a filósofa feminista Sandra Harding, professora emérita da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), gentilmente nos recebeu em seu apartamento em Playa Vista, próximo a Venice Beach. A vereadora feminista, defensora dos direitos humanos e das minorias Marielle Franco, covardemente assassinada três dias antes nessa mesma semana, acabou sendo, naturalmente, o assunto da última pergunta dessa entrevista, como os leitores poderão constatar.

Sandra G. Harding, preeminente filósofa norte-americana feminista é uma das pioneiras da teoria do ponto de vista feminista (em inglês, *feminist standpoint theory*), e que cunhou a expressão “objetividade forte”, nasceu em 29 de março de 1935. Tendo se graduado em Letras (Inglês) pelo Douglass College da Universidade Rutgers (originalmente New Jersey College for Women), depois de cerca de 12 anos trabalhando como professora de matemática do ensino primário e como assistente jurídica da Companhia Americana de Radiodifusão (ABC), em Nova Iorque, ingressou no doutorado em filosofia na Universidade de Nova Iorque, e defendeu, em 1973, a sua tese em filosofia das ciências e epistemologia sobre o pensamento do filósofo e lógico norte-americano Willard van Orman Quine.

No início de sua carreira acadêmica, Harding trabalhou no Centro Allen da Universidade Estadual de Nova Iorque (Suny) em Albany (entre 1973-1976) e na Universidade de Delaware (entre 1976-1996), período em que também foi diretora do Programa de Estudos das Mulheres dessa universidade (entre 1985-1993). É nesse período que Harding publica sua obra seminal *The science question in feminism* (1986).

Tendo assumindo várias posições temporárias como professora visitante em filosofia em instituições como o Departamento de Estudos das Mulheres da Universidade de Amsterdã, em 1987, a Universidade da Costa Rica, em 1990, e o Programa de Estudos de Gênero do Instituto Federal de Tecnologia de Zurique, Harding, finalmente, assumiu sua posição permanente na UCLA em 1996, onde permaneceu até sua aposentadoria.

Tendo servido como consultora em epistemologia e filosofia das ciências para vários órgãos da Organização das Nações Unidas (ONU), como a Organização Pan-Americana de Saúde (Opas), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem), Harding foi também recebeu inúmeras premiações, incluindo o prestigioso John Desmond Bernal Prize da Society of Social Studies of Science, em 2013, e o prêmio por distinta contribuição para a equidade de gênero em pesquisa em educação da American Education Research Association (AERA).

Harding foi coeditora do periódico *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, entre 2000-2005, tendo também editado um grande número de livros (incluindo Harding, 1987, 1993, 2004, 2011; Harding & Hintikka, 1983; Harding & Narayan, 2000; Harding & Figueroa, 2003) que considera parte importante do seu pensamento. Atualmente, Harding ocupa importante papel no corpo editorial do periódico *Tapuya: Latin American Science, Technology and Society*.

Gustavo e Luana: Dra. Harding, obrigado por nos conceder essa entrevista. A senhora passou aproximadamente 12 anos como assistente jurídica da Companhia Americana de Radiodifusão, entre a conclusão da sua graduação em letras em 1956 e o início do seu doutorado

em filosofia (concluído em 1973). O que a levou a cursar o doutorado em filosofia depois desse ínterim e como começou a delinear conexões entre filosofia, estudos de ciência e feminismo?

Sandra Harding: Eu gostaria de começar com 1958 que foi quando eu me casei. Depois de terminar minha graduação, em 1956, me mudei para Nova Iorque para trabalhar na Companhia Americana de Radiodifusão (American Broadcasting Company, ABC) como assistente jurídica. O meu marido estava escrevendo sua tese de doutorado em filosofia na Universidade Columbia. Ou seja, eu me casei com um filósofo. A dissertação de mestrado dele foi sobre (Albert) Camus e a tese sobre (Ludwig) Wittgenstein. Assim, eu copiava e digitava o trabalho de tese dele, e coisas dessa ordem, como as esposas faziam em 1958. Após concluir sua tese dele, meu marido começou a lecionar no Vassar College – que fica cerca de uma hora de carro, ao norte de Nova Iorque. Durante esse período tivemos dois filhos. Meu marido trabalhou no Vassar por dois anos antes de assumir outro trabalho na SUNY Albany (Universidade do Estado de Nova Iorque, em Albany). Portanto, em 1966, morávamos em Albany, no estado de Nova Iorque. Emily, nossa filha mais nova (que hoje tem 52 anos), nasceu no ano em que nos mudamos para Albany (os meus filhos têm somente uma diferença de 13 meses).

Portanto, a primeira coisa que preciso dizer é que não pude começar o meu doutorado senão em 1968. No entanto, no momento em que voltei a estudar e cursar o doutorado, eu já estava bastante envolvida com a filosofia, uma vez que, por exemplo, eu preparava os jantares para os amigos filósofos do meu marido, os escutava discutir filosofia, política e assim por diante. Assim, o mundo da filosofia já me era muito familiar quando ingressei no doutorado.

Por volta dessa época, havia começado o movimento feminista e a cidade de Nova Iorque era um dos epicentros desse movimento, assim como outros grandes centros nos EUA e na Europa de então – eu não conheço, exatamente, a história, nessa mesma época, para o caso da América Latina. Ademais, Albany, que é a capital do estado de Nova Iorque, já tinha uma política liberal com relação ao aborto três anos antes da Suprema Corte descriminalizar o aborto nos EUA em 1973. Em 1979, já era possível, no estado de Nova Iorque, se conseguir um aborto (embora não fosse fácil – e, certamente, ainda mais difícil em Albany, que é uma cidade católica). Por volta dessa época, a começar, suponho, em 1980, um grupo de mulheres com aproximadamente a mesma idade que eu (por volta dos 35 anos) – e não éramos pobres, visto que éramos casadas com médicos, professores etc. (ou tínhamos, nós mesmas, um emprego) –, concordamos em contribuir com 50 dólares a cada vez que precisássemos ajudar uma mulher a fazer um aborto (cobrindo custos para viajar para fora do estado). De todo modo, esse grupo de mulheres, inicialmente na universidade (muitas delas professoras), foi o primeiro grupo de mulheres a ministrar cursos sobre literatura das mulheres, história das mulheres etc. Assim, foi-se formando um grupo de leituras, que possibilitou que nos conhecêssemos, conversássemos umas com a outras sobre como ensinar esses cursos – os primeiros cursos de estudos das mulheres (*Women's Studies*) nos EUA. Eu tive sorte de fazer parte disso. Participei de vários grupos diferentes durante esse período. Por exemplo, participei de um grupo de leitura do *Capital* (de Karl Marx). Nós formamos um grupo de conscientização/sensibilização (CRs, em inglês, *consciousness-raising groups*). Nós nos reuníamos uma vez por semana, nas quintas-feiras à noite. Por volta dessa mesma época, na Associação Americana de Filosofia (American Philosophical Association, APA), nós, mulheres, fazíamos reuniões para discutir como estávamos sendo tratadas nos círculos filosóficos, para ajudar jovens filósofas a se prepararem para entrevistas de emprego (dominadas por comitês masculinos) e assim por diante. Eu mesma, por exemplo, me lembro de participar em uma entrevista de emprego, que aconteceu em um quarto de hotel, para um departamento

inteiramente masculino. Na época em que nós mulheres usávamos saias, eu precisava de me sentar na beira da cama, com muito cuidado, com todos esses homens sentados ao meu redor, em um quarto de hotel, para uma entrevista de emprego. Na entrevista, eles não tratavam as mulheres de forma diferente dos homens. Porém, menciono esse caso como ilustração de como podia ser embaraçoso.

Portanto, nós tínhamos todos esses diferentes grupos. Em 1972 foi formada uma Sociedade para Mulheres na Filosofia (Society for Women in Philosophy), que continua existindo, e que colocou grande pressão na Associação Americana de Filosofia. Eles passaram a fazer as entrevistas de emprego em espaços públicos, com todos sentados ao redor de uma mesa (e não mais uma mulher sentada na beira de uma cama com um monte de homens olhando para ela). O Comitê para Mulheres na Filosofia passou a participar oficialmente da organização da APA. A mesma coisa estava acontecendo em história, sociologia, psicologia, física, em todas as outras áreas. Além disso, fazíamos encontros regionais da Sociedade para Mulheres na Filosofia (visto que os EUA são um país muito grande).

Assim, acabávamos conhecendo outras mulheres, que trabalhavam em outras universidades, e podíamos encaminhar nossas alunas a outras colegas para a pós-graduação ao redor dos EUA. Eu ensinei por um período na SUNY-Albany (1973-1976). Depois me mudei para a Universidade de Delaware, na mesma época em que Nancy Hartsock (1943-2015) estava em Baltimore, ensinando na Universidade Johns Hopkins, assim como a Donna Haraway.¹ Assim, quando me mudei para Delaware, convidei a Nancy para fazer uma palestra na nossa seção regional da Sociedade para Mulheres na Filosofia, que se reunia duas vezes por ano. Nós éramos cerca de quarenta a cinquenta mulheres nessa época. Encorajávamos mulheres da graduação e da pós-graduação a se juntarem a nós porque estávamos ministrando os primeiros cursos em filosofia feminista. Além disso, nesses encontros, sempre convidávamos pessoas de disciplinas vizinhas da filosofia que pudessem ser relevantes para nossas discussões. Assim, certa feita, trouxemos uma eminente historiadora das ciências, em outra ocasião trouxemos Carol Gilligan, da psicologia, e assim por diante. Portanto, nesse mesmo espírito, em 1976, convidei Nancy Hartsock, e foi quando nós nos conhecemos. Nancy Hartsock e Donna Haraway ministraram os primeiros cursos em Estudos das Mulheres na Universidade Johns Hopkins. Esses cursos nunca terminavam, pois as estudantes continuavam a se encontrar mesmo depois de concluído o semestre. Por volta dessa época eu já conhecia Donna. Havia tão poucas filósofas mulheres trabalhando em filosofia feminista que nos conhecíamos todas. Nancy e Donna me convidaram a participar do grupo de estudos delas, que consistia em nós três e mais três de suas doutorandas. Eu, por outro lado, incluí no grupo mais duas das minhas doutorandas da Universidade de Delaware. Donna se mudaria depois, em 1980, para Santa Cruz (Universidade da Califórnia em Santa Cruz). O grupo se reuniu entre 1976 e 1985. Em 1985, todavia, me tornei diretora do Programa de Estudos das Mulheres da Universidade de Delaware, o que me deixou sem tempo para continuar participando do nosso grupo na Johns Hopkins.

1 Newark, estado de Delaware (onde está localizada a Universidade de Delaware), fica cerca de cinquenta minutos de trem de Baltimore, estado de Maryland (onde está localizada a Universidade Johns Hopkins). Donna Haraway trabalhou na Universidade Johns Hopkins entre 1974-1980. Nancy Hartsock, por volta dessa época, foi responsável pela criação do programa de Estudos das Mulheres na Universidade Johns Hopkins. Sandra Harding trabalhou na Universidade de Delaware entre 1976-1996.

Gustavo e Luana: Ao que parece, desde o início de sua carreira, como já no Centro Allen da SUNY de Albany, até em funções mais recentes, como diretora do Programa de Estudos das Mulheres na UCLA e coeditora do periódico *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, a senhora tem se envolvido com as ciências sociais, a despeito de ser filósofa de formação. Quais experiências contribuíram para essa sua formação interdisciplinar?

Sandra Harding: Nos anos 1960-1970 foram fundadas todas essas faculdades alternativas (a maioria, posteriormente, sendo fechada). O Centro Allen da SUNY de Albany (The Allen Center, SUNY-Albany) foi uma dessas faculdades alternativas e durou de 1972 a 1976. O Centro era cheio de intelectuais progressistas vindos de Berkeley nos anos 1960-1970. Paul, meu melhor amigo, físico (que também ensinava história das ciências), era um desses que, tendo frequentado as aulas do (Paul) Feyerabend em Berkeley, trouxe dessas aulas uma cópia do artigo da Dorothy Smith, "*Women's perspective as a radical critique of sociology*" (1972), que republicuei em um dos livros que editei tempos depois. Dorothy trabalhava em uma faculdade de educação em Toronto, Ontário, Canadá, tendo antes lecionado na Universidade da Colúmbia Britânica (University of British Columbia), em Vancouver. Nesse período, todos aqueles interessados em assuntos relacionados a metodologias, ciências e epistemologia, se reuniram. Por exemplo, em reuniões da Associação Americana para o Avanço da Ciência (American Association for Advancement of Science, AAAS), sempre tínhamos uma sessão para as nossas discussões. Nós éramos quatro de diferentes disciplinas: Evelyn (Fox Keller), da física e da matemática, Ruth (Hubbard), da biologia, eu, da filosofia, e Donna (Haraway), da zoologia, com a sua história da primatologia. O escopo de uma dessas sessões foi discutir o conceito de "objetividade". Porém, as nossas apresentações não se relacionavam. Não tínhamos ainda como articular algo para além dos nossos problemas disciplinares específicos. No entanto, essas sessões eram muito populares nos encontros da AAAS. Portanto, levou um tempo até formularmos ou entendermos como nós poderíamos falar sobre a mesma coisa usando uma linguagem comum. Participei de outros grupos durante aquele período. Participei, por exemplo, de um grupo de leituras de literatura feminista afro-americana, que era fabuloso. Também participei de um grupo marxista-feminista, iniciado em Harvard (Brandeis University), onde todos, exceto eu, filósofa, tinham vindo das ciências sociais. Desde o início, eu me considerava uma feminista socialista. As feministas socialistas, liberais, radicais, todas trabalhavam lado a lado. Portanto, as ciências sociais foram para mim uma segunda educação informal.

Gustavo e Luana: E como as ciências sociais a ajudaram a entender e abordar questões de natureza epistemológica?

Sandra Harding: Ao longo dos cerca de quarenta anos durante os quais ensinei, sempre mantive uma associação com algum departamento de ciências sociais. O Centro Allen da SUNY, por exemplo, era um centro de ciências sociais. Nós poderíamos também considerar os programas de estudos das mulheres onde trabalhei como estando na interseção entre humanidades e ciências sociais. Em Delaware, eu mantinha um vínculo também com o Departamento de Sociologia porque ensinava uma disciplina de metodologia e epistemologia na pós-graduação. Eu não ensinava métodos empíricos, mas eu ensinava abordagens de pesquisa, como a teoria do ponto de vista. Já na UCLA, estive também associada ao Departamento de Educação, no qual quase todos os docentes vinham das ciências sociais (os professores eram historiadores, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, economistas etc.).

Portanto, eu diria que tive a imensa oportunidade de viver nesse laboratório, assistindo aos meus colegas e estudantes da pós-graduação lutando para “fazer fatos”² a partir de suas bases empíricas imperfeitas, como entrevistas, estatísticas (que não fazem o que eles querem que elas façam) etc. Já quando trabalho com os meus colegas filósofos, eles se envolvem nesses argumentos filosóficos abstrusos. Eles não apreendem os problemas propriamente metodológicos, sendo que, para as ciências sociais, por outro lado, discutir metodologia é o que faz sentido, é o que realmente importa.

De fato, eu repliquei no título do meu livro, *Objectivity and diversity: another logic of scientific research* (2015), o título de um dos livros do (Karl) Popper. No entanto, a palavra do Popper é “discovery” (*The logic of scientific discovery*). Porém, essa é a palavra usada pelos filósofos, cientistas sociais utilizam a palavra *research*. Na época, perguntei para minha excelente editora em Chicago (na Chicago University Press) – que, a propósito, funcionava no espaço onde havia sido a sede original do programa da unidade das ciências, que publicava essa série de obras (*International Encyclopedia of Unified Science*), sendo o livro do (Thomas) Kuhn um dos últimos a ser publicado. Minha editora levaria a proposta do meu livro para discutir com a direção da Chicago University Press. É claro que eu estava brincando, não apenas com o título do livro do Popper, mas com o próprio programa positivista (da unidade das ciências). Por um lado, estava rejeitando esse programa, mas, por outro, estou dizendo que posso fazer melhor do que eles fizeram. Eu perguntei à minha editora: “Você acha que a direção ficará incomodada com esse subtítulo?” Ela conferiu com umas duas pessoas da direção e eles disseram que não havia nenhum problema. De certa forma, esse é o meu livro mais filosófico.

Gustavo e Luana: A senhora mencionou o seu primeiro contato com o trabalho da Dorothy Smith, e também como você começou a colaborar com a Nancy Hartsock. Poderia mencionar também um pouco a respeito do seu contato com a Hilary Rose, outra pioneira da teoria do ponto de vista?

Sandra Harding: Eu recebi um pedido para fazera revisão de um artigo (do qual ela era a autora) para a revista *Signs: Journal of Women in Culture and Society* (periódico do qual depois eu me tornaria editora). Escrevi para a Hilary (Rose) e, pouco tempo depois, ela me convidou para um evento na Inglaterra, quando também conheci o Steven (Rose). Depois eu a convidei para uma conferência feminista organizada na Europa. Eu convidei a Hilary (Rose) e a Evelyn (Fox Keller). A partir desse ponto, ela me visitou nos EUA e eu voltei à Inglaterra várias vezes.

Gustavo e Luana: Como reconstruiria a genealogia da teoria do ponto de vista feminista (*feminist standpoint theory*) e a sua participação nesse desenvolvimento?

Sandra Harding: Dorothy Smith foi, provavelmente, a primeira a delinear uma teoria do ponto de vista da perspectiva da mulher com seu artigo de 1972 (“*Women’s perspective...*”), que reimprimi em *Feminism and methodology: social science issues* (1987). Por volta de 1979, também Nancy Hartsock, Hilary Rose, eu e Alison Jaggar estávamos escrevendo sobre a teoria do ponto de vista feminista. Portanto, temos a teoria do ponto de vista a partir de quatro disciplinas

2 Sandra Harding utiliza essa expressão, “fazer fatos”, em uma perspectiva claramente pós-positivista, onde questiona-se a neutralidade (e não problematização) geralmente atribuída a conceitos como “fato”, “descoberta”, “experimento”, e assim por diante, na história das ciências. É dentro desse contexto frutífero que, a partir da filosofia das ciências pós-positivista, das décadas de 1960-1970, se desenvolve o amálgama entre estudos de ciências, feminismo e estudos das mulheres na década de 1980.

diferentes: Dorothy Smith, da sociologia do conhecimento, Hilary Rose, da sociologia da ciência, Nancy Hartsock, das ciências políticas, e Alison Jaggar e eu da filosofia (ela trabalha com ética, mas também com epistemologia e metodologias feministas). As quatro foram feministas marxistas desde o início. No entanto, eu estive confusa por um tempo, movendo-me entre diferentes perspectivas do feminismo. O feminismo radical, por exemplo, foi uma reação tanto ao feminismo liberal, quanto ao feminismo marxista, visto que nenhum deles deu atenção o suficiente ao fato de os homens controlarem os corpos das mulheres. No entanto, nessa época, nos anos 1970-1980, todas nós líamos toda a literatura de todas essas perspectivas. Em geral ainda se encontram as fontes dos três feminismos juntas. De todo modo, as feministas marxistas estavam lendo Adorno, Horkheimer e Lukács.

Gustavo e Luana: Marcuse também?

Sandra Harding: Também. Marcuse estava na cultura da época de modo geral. Porém, a teoria do ponto de vista descende mais de Horkheimer e Adorno. Lukács, por outro lado, havia tentado recuperar o ponto de vista do proletariado em meados da década de 1930.

No entanto, cada uma dessas autoras, nessa época dos anos 1970, trabalhava separadamente. Hartsock e eu começamos nossa colaboração por volta de 1978-1979. Ela escreveu o seu artigo mais famoso e o enviou para mim e eu enviei um artigo meu para ela. No entanto, ela se baseava em Marx e eu não. O poder das palavras de Marx era tão irresistível para ela que ela não podia deixar de citá-lo sempre, por todo o artigo. Já o artigo da Dorothy Smith é cheio daquelas análises de Horkheimer e Adorno. No entanto, ela queria falar da teoria do ponto de vista da perspectiva da mulher, e não de uma teoria do ponto de vista feminista. Pois para ela o feminismo é uma criação da elite acadêmica, enquanto Smith estava interessada em uma teoria do ponto de vista da mulher do dia a dia, do cotidiano. Os sociólogos começam com a vida cotidiana das mulheres e fazem perguntas a respeito do ponto de vista dessas mulheres – e a mulher do dia a dia pode não ser capaz de articular em termos acadêmicos marxistas os seus problemas. E o interesse do sociólogo é saber como as mulheres articulam os seus problemas em suas vidas cotidianas. Desse modo, essa foi uma separação no início desses estudos (entre “teoria do ponto de vista das mulheres” e “teoria do ponto de vista feminista”). A Smith foi muito crítica da teoria do ponto de vista feminista, enquanto, por outro lado, essa era a forma como a Nancy enxergava as coisas. Já Hilary e Steven Rose eram marxistas britânicos mais ortodoxos que bebiam diretamente de Marx. A propósito de Steven Rose (casado com Hilary Rose), ele é um biólogo muito famoso. Portanto, Hilary conhecia os trabalhos de Horkheimer e Adorno, mas trabalhava basicamente a partir dos textos de Marx. Finalmente, Alison Jaggar começou a partir do meu trabalho, desenvolvendo, posteriormente, sua própria contribuição. É assim que a teoria do ponto de vista feminista começou, a partir dessas acadêmicas marxistas que começaram seus ativismos na década de 1960. Nancy, em sua contribuição para *Discovering reality* (1983), tem uma maneira excelente de colocar a questão. Ela diz que a demanda das mulheres tem relação com a demanda do proletariado para com os donos do capital. Portanto, a teoria do ponto de vista feminista se originou como uma reação às deficiências do feminismo liberal. Mas, também, e ao mesmo tempo, ao próprio marxismo (“ortodoxo”) e ao feminismo radical. A teoria do ponto de vista feminista transformava a epistemologia marxista de uma forma que até mesmo os próprios marxistas homens detestavam. Eles não gostavam de pensar que eles faziam parte da classe opressora. Finalmente, outra coisa que eu gostaria de dizer é que, até esse momento, nós éramos todas mulheres brancas. O movimento das mulheres negras emergiu,

em especial, nos EUA, mas também em Londres e em outros lugares na Inglaterra. O feminismo negro na Inglaterra surgiu por causa das colônias e ex-colônias britânicas (na África e no Caribe), devido às mulheres negras advindas dessas colônias que viviam em Londres.

Para concluir a resposta: eu já estava pensando em termos próximos da teoria do ponto de vista em minha obra *The science question in feminism* (1986), mas ainda não havia sido capaz de formulá-la completamente nesse livro. Eu diria que as feministas biólogas foram as primeiras a formularem a questão do feminismo nas ciências. Certamente, áreas médicas também, questões médicas a respeito de como o corpo da mulher é tratado, por exemplo. Em questões médicas e nas áreas de saúde em geral a questão do feminismo nas ciências salta aos olhos, pois é tão óbvia. Nós todas temos uma relação com os nossos médicos, com os planos e seguros de saúde etc. A forma como somos tratadas e assim por diante. Porém, nesse livro de 1986, eu ainda não sabia como falar sobre esses temas como uma filósofa. A Evelyn (Fox Keller) já estava fazendo um excelente trabalho com sua abordagem psicanalítica do problema das mulheres nas ciências. Ela começou a levantar a questão a respeito da objetividade. Ela iluminou a questão de muitas maneiras sugestivas. Por outro lado, eu tinha inveja das minhas colegas filósofas feministas que trabalhavam em outras áreas, como ética e filosofia política, que estavam publicando muito (direitos das mulheres, por exemplo, estava em toda parte). Eu estava tentando ainda descobrir como trazer todas essas temáticas para a filosofia das ciências de uma maneira realmente poderosa. Portanto, em *The science question in feminism* (1986), levantei questões gerais, mas não sabia ainda como trazer a questão da objetividade para a discussão de maneira distintamente filosófica. Nesse livro, eu chamei essa ideia de "empirismo feminista". No entanto, depois, Helen Longino teorizou essa questão de uma maneira muito mais sofisticada enquanto uma posição filosófica. Não me lembro quando cunhei o termo "objetividade forte" (*strong objectivity*), mas é isso que marca a transição do meu primeiro para meu segundo livro (*Whose science? Whose knowledge?: Thinking from women's lives*, de 1991). Eu queria com esse termo capturar uma preocupação eminentemente epistemológica, mas que pessoas de qualquer disciplina (homens ou mulheres) pudessem entender e relacionar com suas práticas de pesquisa. Os trabalhos da Helen Longino têm sido imensamente poderosos na comunidade filosófica (mais poderosos do que os meus trabalhos). Os filósofos "mainstream" leem seus trabalhos e se referem aos seus trabalhos. Por outro lado, ela não é muito mencionada nas ciências sociais. O trabalho dela permanece mais compatível com a filosofia analítica, sendo isso uma de suas forças. A qualidade do seu trabalho é que filósofos que jamais teriam a intenção de trabalhar com "teoria do ponto de vista feminista" acabam se envolvendo nessas reflexões.

Gustavo e Luana: No início do seu livro de 1998, *Is science multicultural? Postcolonialisms, feminisms, and epistemologies*, a senhora menciona como sua atenção aos poucos se voltou para a importância dos estudos pós-coloniais da ciência e da tecnologia para se pensar a respeito das teorias do conhecimento e da epistemologia. Menciona, em especial, como contribuição para sua construção dessa compreensão, uma oportunidade que teve, de ministrar um curso na Universidade da Costa Rica, em 1990, no contexto de uma iniciativa da ONU. Poderia explicar melhor como aproximou essas disciplinas, epistemologia e metodologias feministas, com estudos pós-coloniais da ciência e da tecnologia?

Sandra Harding: Eu e uma professora de filosofia estávamos programadas para dar um curso de duas semanas na Universidade da Costa Rica. Eu passei para ela um artigo meu que ela poderia traduzir ao espanhol. Ela pensou que o curso teria um formato de seminário para

a pós-graduação, com algo em torno de 15 pessoas. Todavia, uma semana antes do seminário, já havia 150 pessoas matriculadas. Na semana em que cheguei, havia trezentas pessoas matriculadas. Entrementes, o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (Unifem) financiou seis outros docentes de faculdades de El Salvador para participarem do curso em San José da Costa Rica. Ministrei esse curso quatro dias por semana, três horas por dia, durante duas semanas. Na época, a Costa Rica era o país mais estável, politicamente, da América Central. Por essa razão, a ONU havia estabelecido lá suas agências voltadas para a América Central e o Caribe. Assim, naquelas duas semanas, enquanto lecionei essas oito aulas, a lista de presença nunca foi menor do que duzentas pessoas. E, ao longo dos dias, pude visitar um incrível número de projetos para mulheres. Além disso, depois dessas duas semanas, ainda passei pela Nicarágua, depois fiquei mais uma semana dando aulas em Honduras, e, finalmente, estive em uma conferência feminista de dois dias na Guatemala onde também dei uma palestra. Até esse ponto, eu ainda não tinha em mente a questão dos estudos pós-coloniais. O livro *Orientalismo*, do Edward Said, é de 1978, não? Até esse ponto eu conhecia muito pouco sobre estudos pós-coloniais, apenas um pouco sobre aqueles relacionados Império Britânico, onde essa área a princípio se originou. No meu livro *The postcolonial science and technology studies reader*, de 2011, infelizmente você não encontra ainda nenhuma voz da América Latina.

Gustavo e Luana: Na América Latina, nós tivemos, a começar pela década de 1970, o desenvolvimento da teoria marxista da dependência.

Sandra Harding: Sim. Eu sabia sobre a teoria marxista da dependência. Sabia um pouco sobre o que foi feito por esses teóricos, mas nunca havia lido nada. Eu devo até ter mencionado o nome de alguns dos fundadores da teoria da dependência nos meus trabalhos.

Gustavo e Luana: Sim. Eu acho que você menciona André Gunder Frank.

Sandra Harding: Sim!

Gustavo e Luana: Ele era, na verdade, alemão, mas trabalhou, morou e produziu no Brasil.

Sandra Harding: Sim! A teoria marxista da dependência foi uma versão local da teoria do sistema-mundo?

Gustavo e Luana: Na verdade, a teoria do sistema-mundo do Immanuel Wallerstein veio depois. De fato, Wallerstein foi inspirado pelos teóricos marxistas latino-americanos da dependência. Mas podemos voltar àquela sua viagem à América Central?

Sandra Harding: Sim. Eu fiquei muito impressionada ao perceber quão poderoso era o feminismo na América Latina. Eu encontrei todos esses movimentos feministas poderosos, em especial, na Costa Rica. E, por volta de 2011, quando publiquei essa coletânea (*The postcolonial science and technology studies reader*), eu já estava mergulhada na literatura de estudos pós-coloniais e de estudos decoloniais. Eu tive dois doutorandos que me apresentaram a autores de língua portuguesa e espanhola. Tomei contato com autores como (Enrique) Dussel, (Boaventura de Sousa) Santos, (Walter) Mignolo, (Arturo) Escobar, entre outros.

Gustavo e Luana: E quais seriam, em sua opinião, as consequências de se ignorar todas essas frentes de investigação nos estudos de ciências?

Sandra Harding: Pesquisa ruim. Pesquisa mal feita. A pesquisa que não leva em consideração os estudos pós-coloniais, os estudos decoloniais, o eurocentrismo, etc., acaba empobrecida, generalizam-se conceitos de maneira ilegítima, sem validade, fazem-se perguntas que não são pertinentes.

Gustavo e Luana: A senhora assumiu, ao longo dos anos, vários papéis de consultoria em epistemologia e filosofia das ciências para a ONU. Em sua opinião, quais as conquistas mais importantes que alcançou a partir desses trabalhos de consultoria?

Sandra Harding: A maior parte dessas atividades de consultoria aconteceu cerca de vinte anos atrás por causa de alguma coisa que estava ocorrendo na ONU. Nessa época, os meus primeiros livros estavam se tornando mais conhecidos, ao mesmo tempo em que todas essas organizações estavam tentando entender o que eu também estava tentando entender. Como você trabalha com epistemologia feminista na Unesco? Eles me convidavam para essas diversas atividades de consultoria. Eles estavam convidando feministas como eu, Donna Haraway e Evelyn Fox Keller. Eu diria que o importante no trabalho que realizei, nessa época, foi ajudar essas organizações a conceitualizar como trabalhar – e justificar a importância do trabalho – com mulheres pobres e povos colonizados para que esses/essas possam elaborar seus próprios projetos. A teoria do ponto de vista feminista os ajudou nesse trabalho, não apenas enquanto uma metodologia, mas também enquanto ferramenta de justificação desse processo. A ideia era oferecer um ponto de vista mais inclusivo, mais objetivo. Em *Objectivity and diversity* (2015), por exemplo, já no primeiro capítulo, mas também em outros pontos do livro, eu justifico a importância desse trabalho como a tentativa de capturar as preocupações mais fundamentais do conceito de objetividade, a busca por um ponto de vista objetivo-inclusivo, não carregado de preconceitos (*value-free*), que faça justiça aos dados empíricos, mas também aos mais severos críticos, imaginários ou verdadeiros, e à percepção dos indivíduos, sem silenciar o desconforto do outro, como a maioria das instituições dominantes o fazem geralmente.

Gustavo e Luana: Você poderia falar um pouco sobre as suas atividades mais recentes, como a sua participação na organização do periódico *Tapuya: Latin American Science, Technology and Society*, e sobre projetos futuros?

Sandra Harding: Eu havia sido convidada a proferir a palestra principal de uma conferência que aconteceu em Brasília em maio de 2016 (Seminário de Estudos Latino-Americanos e Pós-Coloniais de Ciência, Tecnologia e Sociedade), organizada por dois jovens acadêmicos. Um dos palestrantes dessa conferência foi o Leandro Rodriguez Medina, que havia publicado recentemente um livro excelente intitulado *Centers and peripheries in knowledge production* (2015). Ele proferiu uma palestra incrível sobre esse tópico e me presenteou com uma cópia do livro. O livro é um estudo da situação de desvantagem em que os intelectuais e pesquisadores latino-americanos se encontram: ou eles deixam a América Latina, realizando suas formações fora, como o próprio Leandro, que realizou o seu doutorado em Cambridge, ou completam suas formações com um pós-doc no Hemisfério Norte. Além disso, para se integrarem à comunidade internacional (por exemplo, em estudos de ciências), são obrigados a escrever e publicar em inglês. No entanto, ao cumprirem esse roteiro, esses acadêmicos enfraquecem suas comunidades regionais (Colômbia, Peru, Brasil, México etc.), pois, ao fim e ao cabo, eles não são mais parte desses grupos locais. Por outro lado, podem escolher permanecer nessas comunidades. Há vários periódicos locais, às vezes, por falta de recursos, financiados pelos próprios professores.

Assim, eles publicam em língua portuguesa ou espanhola em história das ciências, sociologia da tecnologia, e assim por diante. No entanto, desse modo, esses autores não se comunicam com a comunidade internacional, não se integrando. É uma situação desvantajosa onde se perde sempre. Na introdução de sua obra, o Leandro descreve essa situação. Portanto, dois dias depois, ao escrever um e-mail para agradecer o livro ao Leandro, perguntei: "Há algum periódico que possa mudar essa situação?". Ou seja, um periódico que pudesse publicar autores latinos em inglês em uma das mais prestigiosas editoras acadêmicas, mas onde todas as decisões editoriais seriam tomadas na América Latina. Eu disse então ao Leandro: "Se não há ainda nada parecido, você poderia editar esse periódico". No que ele me respondeu: "De fato, não há nada assim, mas essa é uma ótima ideia". A nossa troca de e-mails aconteceu por volta de meados de junho de 2016. Depois, nos três meses seguintes, entre e-mails e ligações de Skype, nós elaboramos uma proposta e pensamos em quais editoras acadêmicas poderiam estar interessadas. Nós entrevistamos, posteriormente, possíveis administradores e editores para o periódico. Eu já tinha alguma experiência editando o *Signs: Journal of Women in Culture and Society* (da Chicago University Press). Mesmo assim, não tinha ideia ainda, nesse ponto, o quão trabalhoso seria fundarmos um novo periódico. Nós escolhemos quatro possíveis editoras acadêmicas e enviamos a proposta editorial (MIT Press, Duke University Press, University of California Press e Routledge Taylor & Francis Group). Passamos os três meses seguintes negociando com essas editoras até fecharmos com a Taylor & Francis Group. Assim nasceu e se iniciou a publicação de *Tapuya: Latin American Science, Technology and Society*, no primeiro semestre de 2017.

Gustavo e Luana: Marielle Franco, uma socióloga e vereadora brasileira, que defendia o feminismo e os direitos humanos contra a violência de mulheres pobres nas favelas cariocas no Brasil, foi brutalmente assassinada (baleada) essa semana, enquanto nos preparávamos para esta entrevista. Ao que parece, no Brasil e no mundo como um todo, estamos passando por muitos retrocessos nas conquistas das últimas décadas em termos de feminismo, das lutas por direitos humanos e assim por diante. Qual é a sua impressão dessa situação atualmente?

Sandra Harding: É uma pergunta muito difícil de responder. Eu li essa notícia no *New York Times* e no *Los Angeles Times* e não sei se sou a pessoa certa para melhor responder a essa pergunta. De todo modo, primeira coisa que eu gostaria de dizer a respeito de conquistas e retrocessos é que conquistas são sempre desiguais, ou seja, as conquistas das mulheres brancas nos EUA, nos anos 1980-1990, não afetam ou mudam a realidade das vidas cotidianas de mulheres pobres e negras nas favelas no Brasil. Portanto, o desenvolvimento é sempre desigual e para todo (suposto) "nós" (mulheres), deve-se seguir a pergunta "Quem?". Quem, de fato, se beneficiou dessas conquistas? A segunda coisa que eu gostaria de dizer é que sempre que há uma correlação política e econômica difícil as pessoas recorrem à violência. Eu penso nos inúmeros tiroteios ocorridos nos EUA recentemente. Certamente, não é apenas no Brasil que essa violência acontece. Nos EUA, crianças são baleadas nas escolas. A quantidade de pessoas que são mortas por armas de fogo nos EUA é inacreditável. Há várias instituições que promovem a violência. A Associação Nacional de Rifles (National Rifle Association) nos EUA é, definitivamente, uma dessas instituições. Eles querem que as pessoas portem armas até nos jardins de infância. Portanto, mudar instituições não é algo fácil e rápido. A terceira coisa que posso dizer é que as conquistas nunca são permanentes. Há sempre retrocessos contra aqueles que tentam mudar o sistema e, pelo o que li nos jornais, é, exatamente, o que ela (Marielle) estava fazendo nas favelas. Ou seja, na medida em que ela avançava em suas causas, muitas pessoas sentiam

que perdiam. As gangues (milícias), associações poderosas que os assassinos representam, e assim por diante, sentiram que estavam perdendo. Finalmente, nós precisamos reconhecer que nada muda de um dia para o outro, que a batalha é sempre difícil e, no entanto, nem por isso devemos deixar de continuar lutando.

Gustavo e Luana: Agradecemos pela entrevista.

Sandra Harding: O prazer foi todo meu.

Referências bibliográficas

- HARDING, S. G. (org.). *Feminism and methodology: social science issues*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- HARDING, S. G. (org.). *The 'racial' economy of science: toward a democratic future*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.
- HARDING, S. G. *Is science multicultural? Postcolonialisms, feminisms, and epistemologies*. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- HARDING, S. G. (org.). *The feminist standpoint theory reader*. Londres: Routledge, 2004.
- HARDING, S. G. (org.). *The postcolonial science and technology studies reader*. Durham, NC: Duke University Press, 2011.
- HARDING, S. G. *Objectivity and diversity: another logic of scientific research*. Chicago: Chicago University Press, 2015.
- HARDING, S. G. *The science question in feminism*. Ithaca: Cornell University Press, 1986.
- HARDING, S. G. *Whose science? Whose knowledge?: thinking from women's lives*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- HARDING, S. G.; FIGUEROA, R. (orgs.). *Science and other cultures*. Londres: Routledge, 2003.
- HARDING, S. G.; HINTIKKA, M. (orgs.). *Discovering reality: feminist perspectives on epistemology, metaphysics, methodology, and philosophy of science*. Londres: Springer, 1983.
- HARDING, S. G.; NARAYAN, U. (orgs.). *Decentering the center: philosophies for a multicultural, postcolonial and feminist world*. Bloomington: Indiana University Press, 2000.
- MEDINA, L. R. *Centers and peripheries in knowledge production*. Londres: Routledge, 2015.

Recebido e aceito em agosto de 2021